

Bergson e a subjetividade: memórias da terra natal

Bergson and the subjectivity: memories of the homeland

<https://doi.org/10.34112/2317-0972a2018v36n74p125-135>

MARGARETH CORREIA FAGUNDES COSTA¹

RESUMO: Como nuance de subjetividade, inspirada pela filosofia bergsoniana, o presente texto busca narrar/mostrar imagens do passado – imagens essas que se configuram como um convite ao leitor para que, ao entrar nesse mundo subjetivo apresentado pela autora, venha trilhar seu próprio mundo, evocando sua própria duração e suas lembranças.

PALAVRAS-CHAVE: Bergson; subjetividade; lembranças.

ABSTRACT: As a nuance of subjectivity, inspired by Bergsonian philosophy, the text seeks to narrate/show images of the past - images that are configured as an invitation to the reader so that entering this subjective world, presented by the author, comes to tread its own world, evoking its own duration and its memories.

KEYWORDS: Bergson; subjectivity; memories.

A minha irmã Marcia C. Fagundes Melo, pelas lembranças partilhadas.

Bergson (1999) nos diz que o fundamento da subjetividade é a memória e que, numa dimensão ontológica, essa memória não é psíquica, e sim cósmica: ela é duração e, enquanto tal, o homem trafega numa gigantesca memória. Para este autor,

1. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Itapetinga, BA, Brasil.

é preciso considerar dois tipos de memória que se entrecruzam. Assim, a memória é representada na forma de *imagens-lembranças* – aquela que diz respeito a tudo que experienciamos ao longo da vida, pela qual é possível situar lugares, datas, acontecimentos etc., como explica Bergson (1999, p. 88):

Registra todos os acontecimentos de nossa vida cotidiana à medida que se desenrolam; ela não negligenciaria nenhum detalhe, atribuiria cada fato, a cada gesto, seu lugar e sua data. Sem segunda intenção de utilidade ou de aplicação prática, armazenaria o passado pelo mero efeito de uma necessidade natural.

As imagens-lembranças tornariam possível o reconhecimento, no nível do intelecto, de uma percepção experimentada, e dela faríamos uso quando nos propuséssemos a recobrar nossa vida. Mas ressalta Bergson que toda percepção se prolonga em ação e, nesse sentido, vislumbra a noção de hábito: as imagens se fixam e se alinham, e os movimentos que as continuam modificam o organismo e criam novas disposições para agir. Esse esforço de armazenamento e ação é ainda memória e cunha o conceito de memória-hábito. Conforme Bergson (1999, p. 89): “Ela reencontra esses esforços passados, não em imagens-lembranças, que os recordam, mas na ordem rigorosa e no caráter sistemático com que os movimentos atuais se efetuam”.

A partir dessas dimensões da memória apresentadas, é possível depreender que a memória-lembrança aparece como uma conservação do passado no presente, sendo o presente uma síntese do passado; e a memória, por sua vez, se faz perceber em nossos gestos, atitudes, posturas, caráter, personalidade; nas ações cotidianas; e na identidade. Ressaltamos, porém, que essa ‘individuação’ – termo preferido por Bergson (1999) – nunca está fechada, mas sempre em construção. Para esse autor, as lembranças se conservam no tempo da virtualidade, coexistindo com o presente; e então temos o seguinte entendimento: *o passado é, e o presente é devir*. Vale lembrar a representação da memória como um cone invertido (BERGSON, 1999, p.178), em que a base A B representa o passado, e o vértice S representa o presente, que avança sem cessar.

Nessa perspectiva do princípio da coexistência, apontado por Bergson, pensar o passado é ter clareza de que as imagens-lembranças se fundem, e o processo de rememorar atualiza o passado no presente; o real é virtual e atual; o passado é contemporâneo ao presente que está passando ou, tal como lembra Oliveira (2014, p.

44): “o atual é sempre um presente que muda ou que passa. [...] o presente se torna passado quando já não é. [...] É como se cada momento oferecesse dois aspectos: ele é atual e virtual, de um lado percepção, de outro, lembrança”.

Assim, neste momento, trago imagens do meu convívio com a cidade de Vitória da Conquista, as quais, com certeza, interpelam a consciência pelo componente afetivo e são fruto dos processos de socialização responsáveis pela formação da psiquê e da estruturação da nossa “individualidade”. Estas imagens-lembranças talvez sejam uma espécie de memória que sustento, e, na esteira de Freud (1976), são fruto de interdições, recalques, desejos – esquemas socializantes aos quais somos passíveis e que estruturam nossas subjetividades.

Nesse momento, na esteira do pensamento bergsoniano, por movimento de ‘contração seletiva’ (ação inerente ao ato de lembrar), evidencio que as ruas, as praças, as casas conquistenses são partes das minhas memórias e as reverencio quando, tranquilamente ou na correria da vida, ando pelas ruas da minha querida Vitória da Conquista. Ando e saúdo casas amigas: algumas sempre passando por pinturas e retoques; outras, esquecidas.

Não deixamos de ser crianças, para nos tornar adolescentes; tampouco deixamos de ser adolescentes para nos tornar adultos. E, pelo princípio bergsoniano da ‘coexistência de tempos’, sustentamos esses tempos para buscar leveza na vida. Assim, dando um ‘salto no passado’ que coabito, quero recordar algumas casas: tristes, alegres, extrovertidas; casas das avenidas, das praças – pomposas altaneiras –; casas dos becos, das travessas: singelas, retraídas, mas igualmente acolhedoras. Casa simples da avó materna (somente imagem mental), acolhedora da dolorosa infância, cujo endereço sempre soube de cor, parte da minha identidade. De lá, escuto vozes de tio Sílvio, tia Aquiléa, Vó Nenê e de Sá Amélia a cantar:

Oh! Jardineira, por que estás tão triste?

Mas o que foi que te aconteceu?

Foi a Camélia que caiu do galho,

Deu dois suspiros e depois morreu...

Vem, jardineira,

Vem, meu amor.

Não fique triste

Que este mundo é todo teu

*Tu és muito mais bonita
Que a camélia que morreu*

A seguir apresento o casarão antigo da avó paterna: sombrio, corredor comprido, quartos e quinquilharias. Meu Deus! E o quintal? O pé de chuchu, a bananeira, as hortas, os copos de leite, as rosas, as margaridas, os azedinhos, as ervas-doces – comidas sem serem lavadas –, os “cozinhados”; a varanda em cujo balaústre ouvia minha irmã, inspirada pelo azul do céu, cantarolar: “*Hoje eu acordei com saudades de você...*”; a cozinha grande, o fogão de lenha... Trago lembranças dessa casa, em forma de poema:

Era cinza
a casa:
sombria,
silenciosa.

Era antiga
a casa:
trancas,
tramelas.

Eram fechadas:
as janelas
mofo,
tesouros imaginários.

Era grande
o quintal:
as hortas,
as ervas-doces,

O quintal
ainda
sentimento de mundo,
de descoberta.



Figura 1: Casa da família de Claudionor Austriciliano Fagundes de Souza (vô Nonô) (arquivo pessoal) – Fonte: arquivo pessoal

Eram longas
as tardes:
quentes,
livres,
preguiçosas.

Era efêmero
o tempo. (Eu não sabia).
Passado,
presente,
sempre.

Neste texto, rememoro casas, casinhas e casarões, testemunhas dos meus sonhos infantis. Antes, porém, buscando a menina que fui/sou, me reporto ao poema **Autorretrato**²:

Menina
De longos cabelos,
Envergonhada,
De olhos fugidios,
Muito calada.

Menina
Dividida,
Fragmentada,
De olhos expressivos
Muito determinada.
Por ti varei noites e dias.
Contigo aprendi
As partituras do silêncio:
Seus misteriosos sons
Nunca claros,
nunca postos.

2. Autorretrato: Margareth Correia Fagundes Costa (Arquivo pessoal)

Em ti
Aprendi decifrar códigos,
interpretar símbolos –
nuances de luz,
suficientes, para não se perder
o andarilho.

Contigo
Aprendi as medidas da dor,
da perda
da distância,
e a paciente espera.

Menina!
de onde a tua fraqueza?
de que fonte a tua força?

Vivendo o fluxo da vida, a despeito da força e da fraqueza, somos mesmo chamados a seguir, e, por volta dos 15 anos, a caminho do Instituto Diocesano de Conquista, as casas encantavam-me.



Figura 2: Casas antigas na praça Tancredo Neves – Fonte: arquivo pessoal



Figura 3: Casa antiga que admirava, no trajeto para a escola – Fonte: arquivo pessoal

A seguir, apresento a casa da família de Leôncio Correia de Santos Melo, em frente ao antigo Jardim das Borboletas (nos meus sonhos de menina queria morar aqui, pois era bem em frente à praça que eu tanto amava). Esta casa esteve presente em meus sonhos de adolescência, pois, se ali morasse, estaria próxima ao cinema Madrigal. Saúdo-o com muito carinho, por ter sido o *point* da minha geração e de tantas outras. Creio que é preciso reverenciar o Madrigal: imagem-lembrança de muitos conquistenses, cada um com seu tempo e suas experiências ali vividas.



Figura 4: Casa da família de Leôncio Correia de Santos Melo – Fonte: arquivo pessoal



Figura 5: Cine Madrigal – Fonte: foto internet

Dentre as casas que observava enquanto transeunte, destaco, a seguir, a da família de Jeremias Gusmão Cunha. Na minha imaginação infantil, essa casa, com vestígios barrocos, era uma espécie de bolo confeitado: imponente, majestosa, inacessível.



Figura 6: Casa da família de Jeremias Gusmão Cunha – Fonte: arquivo pessoal

Assim, no fluxo da duração, as casas, as pessoas, os conceitos, os preconceitos, os costumes, as verdades, as glórias, os sonhos vão se transformando pelas mãos do tempo. Por essas mãos, nascemos, crescemos e descobrimos os dois lados da moeda. Hoje, vejo casas metamorfoseadas; outras que já se foram e, ao longo da cidade, digo: aqui tinha o Taquara, onde em muitas tardes dancei; aqui tinha o Xangô – boate que, com a minha idade, só podia visitar das 17 às 20 horas; aqui foi o Kandelabro – onde poucas festas peguei; aqui foi o bar O Varandá: muita gente bonita, cerveja e petisco. Nesse outro lugar tinha o cine Glória, onde pela primeira vez assisti à Paixão de Cristo; aqui o cine Riviera, o cine Glória. Subindo a serra, tínhamos as boates Xalé, o Carrascão, o Cafezal.



Figura 8: Churrascaria Taquara Drink Som – Fonte: arquivo pessoal

Não só as casas, mas as praças, as escolas, os clubes, as igrejas, as livrarias, as lojas, os armarinhos, os supermercados, as “vendas”... Esses estabelecimentos têm lugar marcado em nossos corações e povoam a subjetividade de cada habitante de uma cidade. Aliás, uma cidade/um habitante – binômio de cumplicidade na construção da subjetividade afetiva e sociocultural. O certo é que transitamos pela cidade, ao longo da nossa existência, e ela faz parte da nossa vida. O amor a uma

cidade é o amor por suas casas, ruas, por seus bairros, praças, livrarias, igrejas – enfim, estabelecimentos e instituições que nos viram crescer.

Essas lembranças apresentadas, entre outras, me permitem rememorar, inclusive, algumas pessoas que andavam pela rua – ora pedintes, ora fora do “juízo normal” – e fazem parte das nossas recordações: Anízia e seus penduricalhos; Lilica e suas muitas roupas (mesmo no calor usava roupa por cima de roupa); uma mulher que a meninada apelidou de ‘Jadiel’ e, ao ouvir esse nome, ela enlouquecia e gritava: “*Jadiel é a mãe*”. A criançada caía na gargalhada e corria. Muitos conquistenses, por certo, se lembram de ‘Chico-Leva-Eu’: com seus transtornos psíquicos, assumia a identidade de um guarda de trânsito, e muitos motoristas compreensivos o obedeciam. Ele não podia ouvir a expressão: “*Chico leva eu!*”. Com seu porrete na mão, corria atrás de quem o afrontasse. Tinha ainda Cafezinho e muitos outros andarilhos.

Nossas memórias são, por assim dizer, fluxo de tempo, duração que nos acompanha num mundo virtual, coexistindo com o tempo presente. E por isso lembro agora dos mandados: ao armarinho, à casa da vizinha, à venda. Desse mundo ecoam vozes distantes, sempre mandando. Lembrando Hume (2001), estas imagens estão vinculadas ao meu contexto afetivo e sócio-histórico e, se ficaram em forma de lembranças, é porque constituíram impressões. A esse respeito Oliveira (2014, p. 25), na esteira do pensamento de Hume, nos diz que “as ideias são entendidas como imagens tênues despertadas pelas impressões nos nossos pensamentos e raciocínios. Já as impressões, entendidas como as percepções que penetram na mente humana com mais força e violência”.

Desses fragmentos do mundo virtual saltam imagens que se misturam ao mundo real e constituem o que se é. Assim, quantos lugares, quantos acontecimentos estão em nossas lembranças; quantas pessoas as quais admiramos e que moram em nossos corações – sem que elas saibam; quantos amigos e professores, tios e tias, primos e primas aos quais somos devedores do nosso modo de existir e que fazem a nossa história, que é movimento. Esse movimento é marcado por lembranças, sentimentos e ações, e as nossas rememorações revelam, tendo em vista o princípio da coexistência proposto por Bergson, que cada momento é atual e virtual; percepção e lembrança; e o passado é contemporâneo ao presente que está passando.

REFERÊNCIAS

BERGSON, Henri. *Matéria e memória*: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Trad. Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

- FREUD, Sigmund. Uma nota sobre o bloco mágico, O mecanismo psíquico do esquecimento, Lembranças encobridoras. In: FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- HUME, David. *Tratado da natureza humana: uma tentativa de introduzir o método experimental de raciocínio nos assuntos morais*. São Paulo: Unesp; Imprensa Oficial de São Paulo, 2001.
- OLIVEIRA, Rogério Luiz de Silva. *Fotografia e memória: a criação do passado*. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2014.

SOBRE A AUTORA:

Margareth Correia Fagundes Costa possui graduação em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (1988); Especialização em Alfabetização pela Universidade Federal da Paraíba (1995) e mestrado em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (2010). Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Memória, Linguagem e Sociedade PPGMLS. Professora do Departamento de Ciências Humanas, Educação e Linguagem DCHEL/UESB. Integrante do Grupo de Estudos em História e Memória das Políticas Educacionais e Trajetórias Sociogeracionais - GHEMPE/UESB. Atua na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa, nos seguintes temas: alfabetização e letramento, gêneros textuais, produção textual, revisão textual e reescrita.
E-mail: margarethcfagundes@hotmail.com.

Recebido em 05 de junho de 2017 e aprovado em 08 de setembro de 2017.